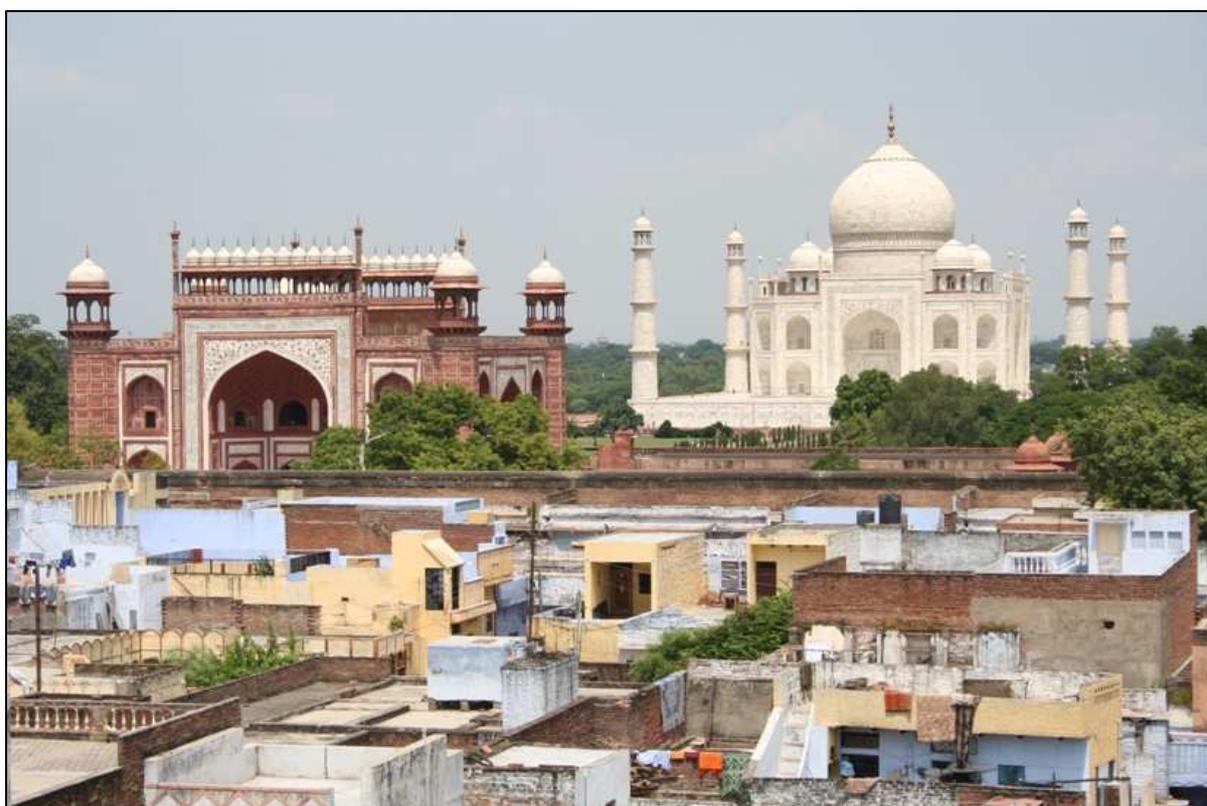


E-Book

AS OUTRAS ÍNDIAS

Curso de Introdução à Cultura e Sociedade da Índia Contemporânea



FUNDAÇÃO
ORIENTE
MUSEU

Lisboa, Portugal

Janeiro a Junho de 2009

Caro participante do curso, caro amigo da Índia,

Foram seis meses em que juntos descobrimos novas, antigas e outras Índias!

Fica aqui um resumo desta nossa viagem, em forma de *souvenir*, como gostam de dizer no subcontinente. Dos mais de trinta participantes conseguimos reunir 17 contributos para este e-book. São testemunhos muito diversos, todos eles originais, que reflectem sobre alguns dos aspectos que abordámos ao longo das doze sessões do curso. Obrigado a todos pelos excelentes contributos aqui, e também aos que contribuíram para as centenas de *posts* e comentários que ficaram no nosso blogue <http://asoutrasindias.wordpress.com> !

Decidi também incluir o programa final detalhado, os nomes e contactos dos participantes e de todos os oradores convidados, bem como as referências bibliográficas detalhadas que fui distribuindo ao longo do curso. Juntamente com a “ficha” de recursos media e Internet, espero que este *e-book* lhe possa servir não só de memória, mas também de guia para futuras pesquisas e redescobertas da Índia.

E claro que pode (e deve) circular este ficheiro, partilhando os seus recursos com quem mais se interessa pela Índia contemporânea.

Obrigado também ao Museu do Oriente, em especial ao seu director, Dr. João Amorim, que me confiou esta tarefa, bem como às Dras. Isabel Carvalho e Isabel Saraiva, que nos prestaram uma assistência inestimável.

Um agradecimento especial também a todos os oradores e intervenientes que aceitaram o meu convite para partilharem as suas experiências. Este *e-book* é dedicado a eles e ao seu trabalho e vivência na Índia de hoje.

Até breve!

Constantino Xavier



CONTRIBUTOS DOS PARTICIPANTES

Caril, chamuças e filmes de Bollywood

Fevereiro de 2003, Mesquita Central de Lisboa, na Praça de Espanha.

Alexandra Prado Coelho

Há grande animação no salão de refeições na parte de baixo. A Comissão de Jovens organizou o jantar do *Eid al-Adha*, o chamado “segundo *Eid*”, a Festa do Sacrifício. Todas as raparigas que enchem a sala estão vestidas à indiana, com calças ou saias de seda leve, colorida, com túnicas por cima, algumas com brilhantes ou bordados, e os cabelos muito negros e sedosos, geralmente compridos, caídos sobre as costas – sem lenço a cobri-los. O jantar é tão indiano como as roupas: caril de borrego com arroz.

Shahana também ali está, com as suas roupas indianas, guardadas para as ocasiões de festa. Cresceu com os filmes indianos na televisão nas tardes de domingo, o dia em que os tios iam de visita a sua casa e todos passavam algumas horas a assistir às histórias de amor, intercaladas por intermináveis danças e músicas, produzidas em Bollywood.

Hoje já não os vê e também já não gosta de fatos com muitos bordados ou muitos dourados, prefere uma versão mais estilizada do estilo indiano. Mas dos filmes indianos das suas tardes de domingo ficou-lhe, talvez, “uma filosofia optimista”. Só mais tarde percebeu que, num país em que a realidade é dura – impressionou-a a miséria na única viagem que fez à terra onde

nasceram os seus antepassados –, o cinema “são os sonhos deles tornados realidade, a forma que têm de viajar”.

Muitas famílias vindas de Moçambique nos anos 70, logo antes ou logo depois da independência, são de origem indiana – são elas que constituem o núcleo fundador da Comunidade Islâmica de Lisboa, e também a maioria dos ismaelitas em Portugal. É uma comunidade que tem avós, ou em alguns casos antepassados mais longínquos, nascidos na Índia. A passagem por Moçambique, que durou uma, duas, às vezes três gerações, não afectou esta cultura indiana. “A ideia era mantermo-nos o mais próximo possível dos brancos, por isso não ganhámos hábitos africanos”, explicou-me uma vez um deles. Em Portugal, hoje, os netos ainda falam (ou se não falam percebem) os dialectos que os pais usam para conversar com os avós, o gujarat, o kachi ou meman. Quando se juntam em festas gostam de comer chamuças, fritos indianos, caril, temperos fortes.

Os traços de um país longínquo, que a maioria nem sequer conhece, não vão desaparecer facilmente. As cores e os sabores da terra dos avós ainda alimentam a imaginação dos netos.

(Excerto do livro Onde Fica Meca Quando de Olha de Lisboa – Muçulmanos em Portugal, de Alexandra Prado Coelho e Daniel Rocha, editado pelo PÚBLICO)

Similaridades e diferenças entre a Índia e o Brasil

Cláudia Ramos

Localizados em distintos continentes, Índia e Brasil eram ambos gigantes adormecidos que, por diferentes razões, um na década de 90, outro após 2000, despertaram da letargia em que se encontravam e iniciaram uma abertura ao mundo com base na premissa de **serem uma “potência natural” que os demais tinham que reconhecer**. Parte desta convicção deriva da importância da sua dimensão, peso demográfico, económico e militar, comparativamente à maioria dos seus vizinhos.

No presente, **ambas as políticas externas se encontram direccionadas para o reconhecimento dos dois países como potências globais** (global player), sendo que o que melhor poderá simbolizar esta vontade seja a **aspiração**, partilhada por ambos, **a um lugar de membro permanente num renovado Conselho de Segurança das Nações Unidas**. O estabelecimento de alianças como o IBAS e o BRIC são um meio para a promoção do seu *status*, visando o assumir de um lugar *“inter pares”* num mundo multi-polar que ambos advogam.

De referir ainda que, por contraponto às outras potências, sobretudo às de natureza colonial e imperialista, **Índia e Brasil vêm-se a si próprios como potências benignas e não-violentas**. Tanto a constituição indiana, no seu artº 51, como a brasileira, no seu artº 4º - Princípios a serem utilizados pelo Brasil em suas relações internacionais -, descrevem as tarefas de ambos a nível internacional. Em comum, podemos encontrar referências à promoção/defesa da paz; a relações honrosas e de igualdade entre os Estados; ao princípio da não-intervenção e cooperação entre os povos para o progresso da humanidade

e à resolução de disputas por arbitragem ou solução pacífica dos conflitos.

Ao nível externo, **ambos encontram o seu “calcanhar de Aquiles” na instabilidade da vizinhança**: a Índia por se encontrar quase toda rodeada de Estados dilacerados pelo flagelo do terrorismo (entre outros, Afeganistão, Paquistão, Bangladesh), o Brasil, por se encontrar rodeado de vizinhos que são, na sua generalidade, política, social e economicamente instáveis.

A nível interno, **ambos são ambos democracias com forte crescimento económico**, mas **palco de profundas assimetrias**:

- **económicas**, com algumas regiões altamente desenvolvidas (como sejam o Rio de Janeiro, S. Paulo, Bombaim e Nova Deli) e outras bastante marginalizadas;
- **sociais**, com a existência de um enorme fosso entre ricos e pobres e discriminações entre raças (Brasil) e castas (Índia);
- **educacionais**, do analfabetismo de muitos à excelência de poucos;

Finalmente, os factores **língua e religião** assumem-se como **elementos diferenciadores da maior importância**. Enquanto que na Índia a diversidade linguística e religiosa é motivo de conflitualidade latente que está na origem de sérios problemas de falta de segurança interna, no Brasil, a unidade linguística assegura a coesão nacional e, a diversidade religiosa, longe de ser factor segregador, gerou um sincretismo que lhe confere um particularismo muito próprio.

Vejamos o que o futuro reserva a cada um.....

Conceição Pinto Pereira

A pedido do Dr. Constantino Xavier, meu ilustre e muito empenhado professor nos 6 meses que durou o curso Outras Índias organizado pelo Museu do Oriente, venho apresentar o meu modesto contributo para o e-book que se está a organizar.

Não é fácil, e por outro lado não é difícil, falar sobre a Índia. Não é fácil por todas as razões e mais algumas (várias delas abordadas durante o curso): pela sua diversidade cultural, étnica, geográfica, linguística, pelos números absolutamente inacreditáveis das estatísticas e da economia; pelos seus excessos climáticos, de população, de grau de devastação quando ocorrem desastres naturais; por uma História constituída por invasões cíclicas e esmagadoras e por uma colonização de mais de 300 anos que terminou como terminou; por uma arte milenar que sempre privilegiou a natureza, a subtilidade, o detalhe, a complexidade de padrões; pela mitologia e pela literatura, tão intrincadas, complexas, subtis, intensas, excessivas, coloridas; por ser o berço de três religiões que reúnem muitos e muitos milhões de fiéis; pela própria natureza abstracta, não centralizada, em permanente evolução e mutação – a meu ver até certo ponto “mágica” – do Hinduísmo (que abriu caminho para o surgimento do Budismo e, no século XVI, do Sikhismo); pela sabedoria empírica mas imensamente profunda, porque reveladora do mais profundo do ser humano, da medicina ayurvédica (que se mantém actual ainda nos nossos dias – basta ler trabalhos de profissionais da medicina “convencional” que se têm interessado pela vertente mais holística e psicológica da medicina que praticam); pela pujante economia que fará da Índia uma grande potência

mundial, pelas novas gerações que se pavoneiam nas discotecas e estudam no estrangeiros e pelas populações que ainda praticam o infanticídio ou a emulação pelo fogo das viúvas; pela complexidade da organização social, baseada em castas, sistema tão estranho e injusto aos olhos ocidentais; pelo exotismo da sua fauna e flora (tigres devoradores de homens, elefantes que aniquilam aldeias, cobras capelo que dançam ao som de flautas ou banyan trees sob as quais “pessoas” - Buda, neste caso - foram “iluminadas”); pelas ruas onde pululam velhos, novos, bebés, leprosos, autocarros, rickshaws, vacas, cães tresmalhados, ratos, e que, ao virar duma esquina, oferecem a visão duma loja Louis Vuitton ou dum Ferrari encarnado ...; pela elegância e feminilidade das mulheres, a meu ver ímpar; pela “loucura” dos seus festivais, como o Holi; pelas noites estreladas em Simla, pelo Taj Mahal, um hino ao amor monogâmico mandado construir por um regente muçulmano, por Bollywood e as suas estrelas “divinizadas” pela população, pelos muitos académicos que “dão cartas” por esse mundo fora, pelo comboio que serpenteia pelos contrafortes dos Himalaias em direcção a Darjeeling ... é melhor parar por aqui...

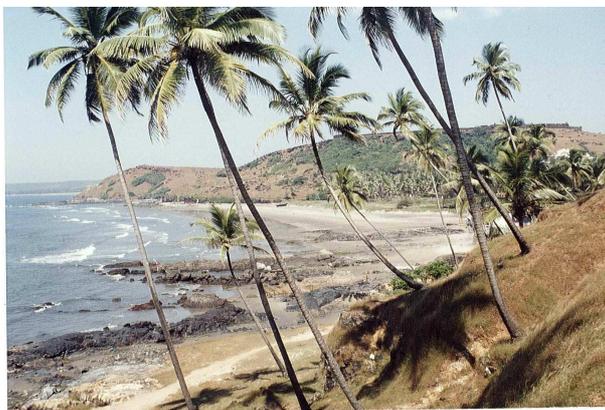
Finalmente, a razão pela qual não é difícil falar sobre a Índia: porque foi paixão à segunda vista (*helas*, não foi à primeira). E quando há paixão, não há razão, não vale a pena estar com grandes explicações. Ama-se, *tout court*. E quer saber-se mais, visitar mais, conhecer melhor, ler mais, assistir a mais conferências, falar sobre ...

Assim sendo, pela parte que me toca, gostava muito que este curso continuasse.

VIAGEM A GOA – NOVEMBRO DE 1996

PEDAÇOS DE MEMÓRIA

Elisabete Garcia



Da viagem que fiz a Goa em 1996, há algumas imagens que guardo na memória com muita saudade:

O verde e a beleza exuberante da paisagem de Goa

A alegre e útil publicidade pintada nas paredes

O trânsito caótico de motas, as buzinas ensurdecadoras e as vacas na via pública

O exotismo, o colorido e a diversidade étnica e cultural da Feira de Anjuna

O país da revolução silenciosa

Francisca Gorjão Henriques

“A Índia é dois lugares num só: uma Índia de Luz, e uma Índia de escuridão”, escreve Aravind Adiga em “O Tigre Branco”. Esta referência “luminosa” não será indiferente ao slogan político “Shining India”, adoptado pelo BJP (partido nacionalista hindu) quando estava no poder, para realçar os progressos económicos do país. Foi derrotado nas eleições seguintes precisamente devido aos muitos milhões que tinham ficado na sombra.

Mas há uma fórmula de quase sucesso que tem permitido a muitos indianos romper com o que até há uns anos seria o seu inexorável destino, a chamada “revolução silenciosa”.

O autor da expressão é Christophe Jaffrelot, investigador do instituto francês de estudos internacionais CERI. Que explica: “O que está a mudar [na sociedade indiana] não é originado pelo crescimento económico. É o impacto da discriminação positiva”. O sistema começou a mover-se quando as castas mais baixas ganharam acesso à educação.

Apesar de haver “uma classe média a emergir”, defende Jaffrelot, a sua origem não está necessariamente nos 8,8 por cento de crescimento dos últimos cinco anos. “Esta prosperidade só funciona para dez por cento da população”, ressalva. “Não faz qualquer diferença para os outros, que em muitos casos até viram piorar o seu nível de vida. É melhor não engolir a propaganda da ‘shining India’, porque o país não está nada a brilhar”.

Talvez sejam úteis alguns números: segundo o Banco Mundial, em 2005, cerca de 456 milhões de indianos (o país tem 1,1 mil milhões) viviam abaixo do limiar da pobreza; 60 milhões de crianças sofrem de malnutrição crónica - o que representa 40 por cento do total mundial; apenas 13 por cento dos esgotos produzidos recebem tratamento e 700 milhões de pessoas não têm casa-de-banho; 65 por cento depende da agricultura, que representa menos de 18 por cento do Produto Interno Bruto.

De onde vem, então, a “revolução silenciosa” de que fala Jaffrelot? “É fruto da política, que manda reservar 15 por cento dos empregos na administração pública aos dalits”, e que guarda lugares nas faculdades para as castas mais baixas. É uma mudança ainda “em pequenas proporções, mas não negligenciável”. Sobretudo tendo em conta que partidos como o BSP, de Mayawati, conseguem tomar em mãos um estado tão poderoso como o Uttar Pradesh com propaganda direccionada para os dálitas e para as chamadas “other backward castes” (OBC), as castas mais baixas da pirâmide.

Casta: “Até os indianos ficam confusos com esta palavra, especialmente os indianos que receberam educação nas cidades”, diz o herói do romance de Adiga. “Actualmente, já só há duas castas: homens com barrigas grandes e homens com barrigas pequenas. E apenas dois destinos: comer, ou ser comido”.

Descobrir a Índia:

O que eu e Vasco da Gama temos em comum

Gustavo Boto

Nestes nossos tempos nem sempre damos o devido valor ao conhecimento e àquilo que representa. Sou mesmo dos que acreditam que o saber nunca fez mal a ninguém; pelo contrário, só ajudou aqueles que o detêm a abrir os seus horizontes e a tomar consciência da realidade que os envolve.

O célebre Vasco da Gama terá demorado oito meses para descobrir a Índia, e eu, apesar de passados cinco séculos, só demorei menos dois: já me dou por contente por ter dedicado manhãs a aumentar o meu conhecimento sobre uma realidade com a qual o contacto até então havia sido pouco ou nenhum. Apesar de havê-lo feito apenas um dia por mês, durante seis rápidos meses. E importa dizer que, antes, o meu conhecimento sobre a Índia e as suas realidades era vago e confuso, por norma.

Mais que tudo, pude perceber neste curso que a Índia tem, efectivamente, qualquer coisa de especial. Se não, como explicar

que um território tão extenso possa abarcar tal conjunto de regiões, muitas das quais realmente distintas entre si em aspectos que vão da mera fisionomia geográfica à longa, rica história? E não esqueçamos a coabitação de religiões, mas também entre falas e tradições tão *sui generis*. Por outro lado, compreendo que não deixamos de estar a falar de um país que, como outros pela sua dimensão e estatuto, luta por maior destaque no papel que lhe vem cabendo nessa representação algo teatral que são as Relações Internacionais, neste palco comum que é ao fim e ao cabo o nosso mundo. E fazem-no cada vez mais capazmente, diga-se.

“Mudam-se os tempos, mudam-se as vontades” – eis uma máxima celebrizada a partir de um poema de Camões com o mesmo título. Creio que fará sentido elegê-la para falar daquilo que deveria ser, mais do que uma mudança do olhar por países terceiros, a mudança da forma como Portugal

vê a Índia: como é possível, pergunto, que as nossas relações com um país com quem já trocámos tanto – e não falo reportando-me estritamente a uma lógica comercial, material – sejam tão fracas, tão inactivas? É verdade que houve afastamento entre Nós e Ela ao longo dos séculos, mas não vejo aí pretexto para impedimentos de maior a um reforço, quiçá histórico, dessa ligação. Aliás, como a realidade porventura convida, exige. Seguem-se duas propostas que desejo pertinazes no que toca à inteligência do seu propósito e oportunidade:

A respeito da Educação, proponho que os programas de História quer do 3º ciclo do Ensino Básico, quer do Secundário dêem primazia à história mundial – em particular à de países com os quais Portugal tem ou teve um relacionamento íntimo,

designadamente Espanha e Brasil, e claro a própria Índia –, limitando aos primeiros ciclos da escolaridade todo o destaque que a história nacional certamente merece.

Já a nível cultural, proponho que se aposte em promover o intercâmbio artístico entre os dois países, para que haja de facto um reforço nítido da ténue ligação cultural que, acredito, arduamente vem persistindo. E, porque não, realizar um festival cultural bianual, realizado à vez ou em simultâneo nos dois países? Assim se obrigaria a que, pelo menos por um momento, todos os portugueses falassem e/ou ouvissem falar da Índia e Portugal... assim como quem ouve falar de Portugal e o Brasil! Porque a Índia não é definitivamente menos que o Brasil, mas sobretudo porque a Índia merece maior estima da nossa parte.



Jorge Reduto da Costa

ÍNDIA para todos?



Educação para todos



Viagem para todos



Trabalho para todos



Alimentação para todos



Transporte para todos



Roupa lavada para todos



Beleza para todos



now you can
 imagine a car within the reach of all.
 change the way you travel. Forever.
 carry your big family in a small car.
 feel the safety of a big car, in a small one.
 get 23.6 kilometres out of every litre.

Transporte privado para todos



Casas para todos?

E agora, estão em curso os projectos para substituir os "slums" por bairros residenciais "low cost", em que os tijolos são de matérias primas baratas, resíduos industriais, os edifícios terão 3 pisos para poderem ser construídos por mão-de-obra não especializada. As áreas são reduzidas, e os equipamentos mínimos. Baixo custo de construção e distância ~100 km do centro de Mumbai, permitem falar de preços a partir de \$4500 para 19m2. Compare-se com referência de preços de \$7000/m2 no centro de Mumbai para \$240 nesta nova solução.

Ler mais em *The Economist*

www.economist.com/businessfinance/displaystory.cfm?story_id=13837400

नमस्ते namaste

Trata -se talvez da saudação mais bonita no mundo.

Juntam-se as mãos e inclina-se levemente a cabeça. Uma mão representa o espiritual, a outra o material.

Ao se juntarem, a pessoa que faz o gesto está a tentar elevar-se acima das diferenças que tenha com outros, e ligar-se à pessoa que saúda. É como dizer: “O divino em mim saúda o divino em si.”

“*Nama*” em sânscrito querera dizer ‘inclinat, fazer vénia’, “*te*” é ‘você’. Inclino-me perante vós, em completa humildade...

Jorge Roza de Oliveira



“*Nama*” ainda se decompõe em ‘*na*’, negação, e ‘*ma*’, meu, dando o sentido mais ou menos de ‘não meu’. A alma de cada um pertence à alma suprema, identificada como residindo no indivíduo a quem se dirige a saudação.

Toda a acção desenvolve-se em três níveis, mental, físico e verbal.

O mental está na rendição total do ‘eu’. Ao saudarmos outro, estamos a considerá-lo como igual, reconhecendo nele a centelha divina. “O divino em mim saúda o divino em ti.” – “O Espírito em mim encontra o mesmo Espírito em ti.”



No plano físico, os 5 dedos da mão esquerda são os cinco sentidos do *karma* – visão, audição, olfacto, sabor e toque - e os da direita os cinco órgãos do conhecimento – olhos, ouvidos, nariz, língua e pele. O nosso *karma*, ou acção, deve estar em harmonia, e governado pelo conhecimento, levando-nos a pensar e agir correctamente.

Ao juntarmos as mãos, juntam-se 10 dedos, número que é símbolo de perfeição, número místico de unidade e acção completada.

Por fim, no plano verbal, o gesto é acompanhado da palavra *namaste*, que tem uma sonoridade quase mágica, correspondendo a uma mudança de energia criativa, de alinhamento do ‘eu’ com o cosmos.

E há também quem diga que as mãos se juntam como uma lâmina para se cortarem todas as diferenças que possam existir e se chegar rápido ao terreno comum que é partilhado por todas as culturas.

Namaste é a rejeição do ‘eu’ e de todo o egotismo. O ‘*ma*’ de “*nama*” também pode significar morte espiritual, pelo que a sua negação, ‘*na-ma*’, significará imortalidade.



A PROPÓSITO DO ACORDO DE COMÉRCIO LIVRE UE-ÍNDIA: A EMERGÊNCIA DO COMÉRCIO MUNDIAL DE SERVIÇOS – COMPLEXIDADE, OPORTUNIDADES E DESAFIOS

Luisa Bragança Jalles

Em Junho de 2007 foram lançadas as negociações de um acordo de comércio livre entre a UE e a Índia, tendo já sido realizadas 7 rondas negociais até ao momento. Quando se fala de um acordo de comércio livre entre países e/ou regiões pensamos logo em livre circulação de mercadorias, isto é sem restrições quanto às quantidades importadas ou exportadas e sem pagamentos de impostos alfandegários, se não para a totalidade, pelo menos para a grande maioria dos produtos. Mas há uma vertente – menos conhecida, por mais recente – do comércio internacional que não diz respeito à importação e exportação de mercadorias, mas sim de serviços.

Até há relativamente poucos anos, apenas um número restrito de serviços eram comercializáveis internacionalmente. Associávamos, na economia portuguesa, a exportação de serviços à venda de serviços aos turistas (despesas em hotéis, restaurantes, transportes) e a importação às aquisições ao exterior de serviços de transportes e pouco mais. Hoje, com a redução dos preços dos transportes, o aparecimento da Internet e a possibilidade de fazer compras e vendas de/para países terceiros por via electrónica (e-commerce) e a maior facilidade de movimentos de capital (investimento), o comércio de serviços começa a ter uma relevância nunca atingida no passado.

Por isso, este tipo de comércio foi pela primeira vez introduzido nas anteriores negociações comerciais multilaterais (1986-94) conhecidas como o *Uruguai Round* (UR), onde foram acordadas regras multilaterais relativas ao comércio de serviços, o Acordo Geral sobre o Comércio de Serviços (GATS, *General Agreement on Trade in Services*) e estabelecida a Organização Mundial do Comércio (OMC). Constituem hoje, para além do

comércio de mercadorias (produtos agrícolas e industriais), uma das vertentes relevantes do actual ciclo de Doha, iniciado em 2001.

Mas há diferenças entre aqueles dois tipos de comércio. Enquanto no comércio de mercadorias, o produto atravessa fisicamente uma fronteira e portanto é facilmente identificável essa transacção, no comércio de serviços há outras formas de importar/exportar, ou seja de prestar internacionalmente um serviço.

O GATS tipificou 4 modos de prestação, sendo o modo 1 o mais parecido com o comércio de mercadorias:

Modo 1 – prestação transfronteiras - um serviço é transaccionado por internet (exemplos podem ser encontrados na telemedicina, nos offshore *call centers*, isto é prestam-se serviços num determinado país mas os clientes encontram-se localizados noutra país).

Modo 2 - aquisição de serviço no exterior – diz respeito a situações em que um consumidor de serviços de um país se desloca um país terceiro para obter esse serviço. Alguns exemplos incluem o estudante que frequenta uma Universidade (consome serviços de educação) no exterior; um turista que passa férias num hotel noutra país (consome serviços de hotelaria, restauração, etc.); um paciente que recorre a serviços médicos no exterior.

Modo 3 – presença comercial - ou seja um prestador de serviços que queira vender os seus serviços terá de se estabelecer no exterior (ex: subsidiárias de bancos portugueses estabelecidas no exterior).

Modo 4 – entrada e permanência temporária de pessoa singular para a prestação de um serviço.

Cada modo de prestação levanta questões políticas bastante diferentes. Por exemplo, o modo 1 envolve a discussão do enquadramento legal e regulador do comércio electrónico; o modo 3 suscita um conjunto de questões sobre a conformidade dos quadros legais para o investimento; o modo 4 levanta questões que se situam na esfera de acção das autoridades migratórias, do trabalho e

educação (reconhecimento habilitações/qualificações).

Mas as negociações sobre o comércio de serviços no UR não se limitaram ao Acordo GATS. Tal como para as mercadorias, elas estiveram associadas à negociação de listas de concessões. Foram então, negociadas as concessões de acesso ao mercado e de tratamento nacional, para os diversos sectores de serviços e modos de prestação. Uma vez concluídas as negociações e estabelecida uma lista de concessões, cada membro da OMC comprometeu-se desse modo a, numa futura alteração da sua legislação, não introduzir elementos que restrinjam mais o comércio de serviços do que o que foi consolidado internacionalmente.

Mas que interessa tudo isto para o Acordo de Comércio Livre que está a ser negociado com a Índia, e em particular para Portugal?

Interessa porque quando há um acordo, os empresários sentem-se mais protegidos para arriscarem fazer negócios com esse país, porque sabem quais são as “regras do jogo”. E isto é muito importante para o mundo dos negócios quer para as grandes, quer para as pequenas e médias empresas. Ainda que determinados empresários não gostem de algumas dessas regras, é preferível ter regras do que estar à mercê do imprevisto.

Interessa porque em Portugal, o sector dos serviços representou, em 2007, cerca de 71% do PIB e ocupou cerca $\frac{3}{4}$ do emprego total. Mas o peso das exportações de serviços situou-se pouco acima dos 8% do PIB. A disparidade entre o contributo da produção e da exportação de serviços para o PIB revela, sem dúvida, um potencial crescimento futuro de vendas de serviços ao exterior.

A partir do momento em que o acordo com a Índia for estabelecido, o comércio de serviços terá, em cima do já estabelecido na OMC (listas GATS), as concessões que forem acordadas bilateralmente.

Sem querer ser fastidiosa, penso que o que foi escrito traduz uma ideia da complexidade das negociações de serviços. Simples ou complexas, elas são necessárias para estimular as trocas comerciais, porque o seu objectivo é a abertura dos mercados, com reforço de

regras e transparência regulamentar. No caso do comércio de serviços se a parcela comerciável era muito pequena no passado, é já considerável no presente e será potencialmente muito maior no futuro.

Mas que tem isto a haver com Portugal, cujo sector de serviços é maioritariamente voltado para o comércio interno, constituído na maioria por pequena e médias empresas e está tão longe da Índia, que por seu lado tem um sistema burocrático tão grande !

As oportunidades ficam abertas com este acordo com a Índia, assim como com outros acordos de comércio livre que a UE tem estado a negociar com muitos outros parceiros comerciais e será deixado à livre iniciativa dos nossos homens de negócios saber ou não aproveitar estas oportunidades.

Portugal ao lado da Índia representa talvez um cadinho ao pé de uma grande colher cheia de metal derretido. Basta apanhar umas gotas para o cadinho ficar cheio.

Mas mesmo para apanhar essas gotas, não é fácil. A Índia, como é sabido, produz e exporta, uma série de serviços de excelente nível internacional nomeadamente serviços relacionados com as tecnologias de informação, e, para além da UE, está também a negociar acordos de comércio livre com muitos outros parceiros comerciais.

É pois preciso arte, estudo, conhecimento, ciência e muito, muito trabalho quer por parte do Estado na sua função de facilitador de negócios, quer por parte das associações empresariais, das empresas, das Universidades enfim, um mundo de entidades a concorrerem para o mesmo fim.

E não posso deixar aqui de fazer referência a um excelente artigo saído no jornal Expresso, em Janeiro de 2007 e assinado por Rui Soucasax Sousa, Professor da Faculdade de Economia e Gestão da Universidade Católica do Porto.

Dá-nos conta o autor de que se discute “presentemente entre os pensadores das maiores empresas mundiais e os académicos das melhores escolas de

gestão a emergência do que poderá vir a ser uma nova disciplina – a Ciência dos Serviços – que promete revolucionar a gestão dos serviços.” Trata-se, segundo o autor, de “integrar os conhecimentos em gestão, tecnologias de informação, ciências sociais e cognitivas, e ciências legais para desenvolver competências necessárias para as actuais economias serviço-intensivas. O objectivo desta Ciência de Serviços é desenvolver formas de aumentar a produtividade e inovação dos sectores e tarefas relacionadas com serviços (saúde, financeiros, governamentais, etc) através de métodos científicos”.

Informa-nos ainda o autor que “este debate arrancou com uma cimeira mundial organizada pela IBM em 2004 no seu T.J.Watson Research Center” e que “a partir daí o assunto cativou a atenção de outros gigantes mundiais, incluindo empresas (Hewlett-Packard, Accenture), Universidades (MIT, Carnegie Mellon, London Business School) e prestigiados media (Financial Times, Wall Street Journal). A IBM anunciou nesse debate que “pretende contratar milhares de profissionais com formação em Ciência dos Serviços e algumas das mais prestigiadas universidades oferecem já formação nesta área”.

Refere-nos o autor outra iniciativa onde participou - um workshop organizado pela London Business School para debater esta nova disciplina – tendo sido “consensual que o mundo empresarial está a pedir auxílio às Universidades – e disposto a pagar por isso - para formar pessoas de cariz multidisciplinar (integrando a gestão, TI, ciências sociais, etc). Conclui o artigo afirmando que “as Universidades tem aqui uma oportunidade de ouro para expandirem a sua investigação e ensino para áreas empresarialmente relevantes - se não o fizerem, parece claro que as empresas irão avançar sozinhas”.

Não poderia estar mais de acordo com a análise e as conclusões do artigo, às quais acrescentaria que a oportunidade de ouro se abre não só para as universidades e empresas portuguesas de serviços que puderem/souberem agarrar este desafio de conquistar novos mercados e tornar exportável o que já sabem fazer

e, bem, cá dentro e melhorar ou introduzir a prestação de novos serviços que satisfaçam a procura dos nossos parceiros comerciais.

Incluo ainda o desafio para o Estado na sua função de facilitador de negócios a que referi acima - facilitador/promotor do investimento estrangeiro em Portugal, do investimento de empresas portuguesas de serviços no exterior, das nossas exportações de serviços, etc. - ajustando-se a esta nova realidade o mais rapidamente possível, mas de uma forma bem pensada.

O mito da descoberta

Mara Carrilho



Foto: Bertrand Linet

«Past centuries might have belonged to Europe, or to the white races un general, but it was now time for non-white and previously subordinated peoples to come into their own.»¹

Descobrir e compreender a Índia é um processo longo, pessoal e surpreendente. Abraçar esta viagem significa quebrar com as ideias preconcebidas, entrar numa cultura de religiões ancestrais e de tradições milenares e mergulhar nas cores exóticas, nos cheiros intensos, na música vibrante, na dança, no movimento das ruas e no barulho ensurdecador que nos consome. Este é o ponto de partida para a descoberta de traços inconfundíveis de um território misterioso e quente como a Índia.

O país revela-se numa dicotomia avassaladora, ora entre a riqueza de paisagens de cortar a respiração, ora num limiar de pobreza extremo. Mas a multidão de pés descalços e de saris coloridos que nos acompanha e saúda com *namasté*, anuncia-se como um povo afável, ambicioso e confiante em si, no seu país e no seu futuro.

A Índia cresce de dia para dia e as suas conquistas não têm limites. Hoje, a população indiana atinge mais de um bilião de habitantes e a sua economia continua a espantar, mas os desafios de um futuro imprevisível exigem à Índia um esforço de união, de consonância entre o poder político e população e uma constante afirmação à escala global.

¹ GUHA, Ramachandra (2007), *India After Gandhi – The History of The World’s Largest Democracy*, Pan Macmillan, Londres, pp. 153



Passado e Futuro

Na Índia, algumas práticas tradicionais demonstram uma preocupação pela sustentabilidade.

**Duas utilizações com a mesma preocupação
– poupança e aproveitamento –
do que, à partida é inconcebível reutilizar.**

Bolos como combustível

«Estrume, que, quando misturado com palha aparada e moldado em forma de bolos, é seco ao sol e utilizado como combustível para cozinhar.»

in A cidade da Alegria, Dominique Lapierre



Aproximação à venda



Secagem ao sol



Stock



A venda dos “bolos” (bolas de estrume)

Tijolos feitos de estrume de vaca

Um grupo de estudantes indonésios venceu recentemente a edição de 2009 do [Global Social Venture Competition](#), com o seu EcoFaeBrick.

Um material de construção de qualidade, fácil produção e barato, produzido a partir de estrume de vaca. Estes tijolos, para além de serem 20% mais leves, são também 20% mais resistentes que os tijolos comuns e a sua produção não recorre a explorações mineiras devastadoras para o ambiente. São produzidos utilizando 75% de estrume de vaca e curados num forno a biogás, o que reduz as emissões de CO₂ da fábrica.

A missão do EcoFaeBrick é proporcionar uma solução económica para um problema de desperdícios, enquanto ajuda a evitar a destruição do ambiente causado pelas minas de barro. Este processo poderá provocar um aumento de 50% nos lucros dos agricultores, o que ajudará a melhorar o seu estilo de vida.



MANTRA

Maria João Sequeira

Pela *kingfisher* fresca. Pela sede. Pelo *garlic nun* e o *panner tikka massala*. Pelas praias habitadas. Pelos corvos. Pela elegância dos gestos. Pelas linhas ocultas dos corpos. Pelas silhuetas férteis. Pela fome. Pela cor da canela na pele. Pela diversidade intrínseca. Pela crueza mortal. Pela doçura dos traços. Pela loucura latente. Pela resistência da vida. Pela naturalidade da morte. Por um tempo sem tempo. Por um temporal no trópico. Pela chuva quente. Pelo eterno verão. Pela força das coisas. Pela tragédia sem escala. Pelo passar de saris. Pelo movimento infernal. Pelas pernas em arco. Pelo açafrão. Pela mostarda e o caril. Pelo horizonte largo. Pela oração no templo. Pela densidade do fumo. Pela comoção. Pelo cordão humano. Pela atitude das mãos. Pelo olhar vazio. Pela vaguidão. Pela luz nocturna. Pela intensidade extrema. Pelo azul do céu. Pelo céu de estanho e torrencial. Pela cidade antiga. Pela brancura. Pela escuridão. Pelo orgulho e pela essência. Pelo vibrar das rupias. Por Allah. Pelo vibrar das rupias. Pelo desejo carnal. Por *Vishhnu*. Por todos os rios do Ganges. Pelas estrelas de *Bollywood*. Pelo sangue nas veias. Pelo sangue no chão. Pelo despojamento total. Pelo vibrar das rupias. Pelo vibrar das almas. Pelos cabelos em trança. Pela dança do ventre. Por Tantra. Pela fome. Pela sede. Pela *kingfisher* fresca. Pelos contos imorais. Pelas cheias na várzea. Pelas cidades de pedra. Pelo cheiro intenso. Pela força das coisas. Pela atitude das mãos. Pelas fronteiras límpidas. Pela cor. Pela elegância dos gestos. Pela beleza. Pelo seu avesso. Pela tristeza. Pelo sumo dos frutos. Pelo entardecer. Pelos meninos da rua. Por *Calcutta e Bangalore*. Pela curvatura. Pelo excesso. Pela promessa. Pelas cidades imensas. Pelas cidades imersas. Pela força das coisas. Pela diversidade intrínseca. Pela música do Industão. Pelos cabelos em trança. Pela crueza mortal. Pela imensa diáspora. Pela crueza mortal. Pela filigrana das jóias. Pela crueza mortal. Por todos os rios do Ganges. Por *Allah*. Pela crueza mortal. Pelo vibrar das rupias. Pelo vibrar das rupias.

OUTRAS ÍNDIAS...

Maria Virgínia Brás Gomes

Serão mesmo outras?

Novas ou as de sempre?

Porque as Índias sempre foram muitas, em cultura, língua, tradição e religião!

Porque a geografia humana da Índia sempre foi diferenciada contribuindo, de forma definitiva, para a riqueza da sua história e as dificuldades da sua organização política que subsistem ainda hoje, mesmo em tempo de pertença ao grupo de países de economias emergentes, com taxas de crescimento invejáveis apesar da crise. Mas há discriminações que perduram e espaços de conflito que se mantêm, alimentados por causas antigas e novos fenómenos resultantes dos modelos de desenvolvimento que o Estado incentiva.

Entre as causas de discriminação de todos os tempos subsiste a sistema das castas – o mais antigo sistema de hierarquia social do mundo. É certo que a discriminação das castas e tribos protegidas (scheduled) foi abolida pelo Artigo 17º da Constituição, que proíbe a “intocabilidade” em grande parte devido aos esforços de B.R. Ambedkar, uma das grandes figuras do movimento da independência, e por um vasto conjunto

de medidas legislativas, designadamente a Lei de 1989, de prevenção de atrocidades contra os Dalit e Adivasi. Também é certo que os sucessivos Governos têm aprovado medidas de discriminação positiva como o sistema de quotas na educação e no emprego. Mas é igualmente certo que não tem havido vontade política nem capacidade institucional para implementar umas e outras de forma a influenciar efectivamente um sistema que continua, em pleno século XXI, a ser legitimado por religião e tradição, penalizando particularmente as mulheres que permanecem nos escalões económicos e sociais mais baixos, praticamente invisíveis como cidadãs.

Entre os motivos de discriminação mais recentes está o modelo de desenvolvimento que o país prossegue. A concessão de Zonas Económicas Especiais (SEZ - Special Economic Zones) em vários estados da Índia, tem estado na origem da deslocalização forçada de milhões de famílias tribais, de agricultores e pescadores que são violentamente afastadas das suas terras e formas de sustento tradicionais através do acesso aos recursos naturais, quer sejam terrenos agrícolas, florestas ou rios e realojadas em sítios onde as suas condições de vida são muito desfavoráveis. O sentimento de revolta destes grupos, potenciado pela ausência de mecanismos adequados de consulta e

de participação, tem conduzido a conflitos locais que podem resultar em confrontações mais amplas e de contornos imprevisíveis se o novo Governo, resultante das últimas eleições, não estiver atento aos sinais de descontentamento.

A abordagem das Outras Índias feita pelo Constantino e pelos intervenientes por ele convidados foi interessante e complementar do ponto de vista do esclarecimento e das opiniões, porque abordou estas e outras questões. Poderia sublinhar vários aspectos que me tocaram mais. Numa perspectiva do presente e talvez até de futuro, atenta como estou às relações dos jovens de 2^a e 3^a geração da diáspora goesa com o país de origem dos seus antepassados, opto por referir a ligação afectiva que todos, mesmo os jovens doutorandos que por lá passaram por curtos períodos de tempo, criaram com as Índias e que gostariam de alimentar. Nas breves apresentações que fizeram, deram-nos conta das diversas fases pelas quais passaram, desde o entusiasmo inicial ao contacto duro com a realidade e com as diferenças culturais e materiais que os levou a questionar preconceitos e estereótipos. Nos seus trabalhos académicos, utilizaram os códigos das suas diversas formações e instrumentos de pesquisa para interpretar aspectos históricos e realidades contemporâneas, mas todos reconheceram a riqueza da experiência e

o facto de terem ficado profundamente marcados pela sua passagem por terras da Índia.

Várias, senão todas, as temáticas abordadas mereciam um maior desenvolvimento e mais tempo para troca de pontos de vista. Aqui fica o desafio para a continuação do melhor conhecimento das Outras Índias. Seguramente que o Constantino, mesmo empenhado como vai estar, na sua carreira na John Hopkins, não se afastará totalmente do projecto. Pela minha parte, posso assegurar a disponibilidade de colaboração da Casa de Goa.

Mário Grilo

Ao longo deste meses e por força deste Curso em boa hora lançado pela Fundação Oriente, com o entusiasmo e dinamismo do Coordenador, Dr. Constantino Xavier, tenho tido o prazer e “gozo” de ficar mais “Indian Fan”. Não resisto assim a dar o meu contributo ao e-book relativo ao Curso.

Foi-nos apresentada uma visão de uma outra Índia e de uma nova Índia. Contactamos com diversas realidades em que avultam o conhecimento, diria descoberta, pelo menos para mim, da face geopolítica da Índia, da sua pujança cultural e da sua vontade de se dar a conhecer ao mundo, protagonizando uma das mais altas taxas de crescimento a nível mundial.

Desde a história da sua constituição como estado com os seus arquitectos da Independência, passando pelo sistema de castas, pela importância de alguns intocáveis na vida política e intelectual desta mosaico de culturas, fascinante pilar da civilização, sem esquecer os feitos de uma postura de afirmação de uma Índia, que quer ter um papel de maior relevo nos fóruns internacionais.

A feliz circunstância do curso ter atravessado o período de eleições neste mega País, ao qual se deu o devido relevo, abrindo-nos janelas desconhecidas e realidades que têm estado infelizmente fora dos circuitos da “inteligência” portuguesa e do grande público. Foram verdadeiras importantes os oradores convidados e a presença desinibida da Embaixadora em Portugal, bem como o entusiasmo decorrente da aula que deu tempo de antena aos aspectos culturais.

Como profissional de turismo e atento aos que se faz em Portugal nesta área, devo confessar que pouco tem sido feito, para pôr a Índia no Mapa, e que na realidade ainda nos falta desconstruir uma imagem muito ligada a estereótipos muitas vezes enganadores e a uma saudade do império, às vezes redutora, resumindo a Índia praticamente a essa importante faixa de intercâmbio cultural, que pode e deve ser no entanto a ponte e o “hub” da nossa interactividade com aquele País.

Como a actividade turística representa uma das melhores pontes para aproximar Países, dar a conhecer realidades e construir cumplicidades, penso que podíamos aproveitar esta “tampa” que se abriu de uma garrafa que não tem fim, para organizarmos uma viagem à Índia, que combine os diversos aspectos e questões que ao longo dos meses se foram desenrolando neste Curso.

Sendo certo que é um País continente, impossível de abarcar numa única viagem, deixo algumas sugestões, que com o conhecimento e experiência do nosso Coordenador, podia ser uma mais valia, começando em New Delhi, conhecendo algo do Rajasthan, Bangalore, Kochi, Goa, Damão e Diu, agora que foram votadas com as suas maravilhas de origem portuguesa (sintomático 2 na Índia) e ainda Bombaim.

Aspectos de natureza histórico-cultural, política e lúdica, podiam ser o menu exacto para continuarmos a descobrir a Índia. E que venham novos cursos dentro desta temática!!! PARABENS!!!

OS *HARIDAS*

Nitah Camotim

Etimologicamente a palavra deriva do sânscrito (Hari = Deus e dás = servo). Servos de Deus por predicarem em lugares públicos sobre a história da riquíssima mitologia hindu constante das suas duas grandes epopeias. Mahabharata e Ramayana. Estes mensageiros tinham um forte espírito de missão ao divulgar e repetir episódios, de todos bem conhecidos, mas que captavam a atenção de todo um grupo. Vestiam a pele de inúmeras personagens, masculinas e femininas, nesses actos de auto-oferecência, trazendo a luz, o descanso, a fuga, o sonho a muitas pessoas que nunca saíam das suas aldeias, excepto quando ajudadas por palavras sábias que despertavam a sua própria imaginação.

Estes contadores de histórias, estes pregadores-actores eram itinerantes. Deixavam as suas famílias e viajavam normalmente sós. Traziam consigo algum mistério e muita coisa para contar. A notícia da sua vinda era motivo de grande alvoroço e alegria. Quando um *haridas* já se encontrava numa aldeia próximo, a notícia da sua presença corria rápida pelas aldeias vizinhas que ficavam na expectativa da sua chegada. As populações recebiam-nos de maneira afectuosa e ficavam pacientemente a observar os preparativos para uma prédica nocturna que prometia ser arrebatadora e cheia de fantasia. A pouco e pouco o local começava a encher-se de pessoas que disputavam os lugares da frente para melhor ouvirem as suas palavras e apreciarem as suas mímicas. E não eram só as crianças que ficavam presas e fascinadas com as histórias contadas, recheadas de canções e diálogos, em que o *haridas* mudava o seu tom de voz, conforme as personagens que representava.

As histórias eram conhecidas de tanto serem ouvidas. Mas o facto não afectava em nada a atenção, o prazer e o interesse com que as escutavam. Alterações aos conteúdos tradicionais

ficavam ao critério e imaginação de cada *haridas* que, por vezes, conhecedor de pequenos eventos locais, os introduzia para dar notas de cor e maior veracidade às suas histórias, permitindo aos ouvintes aderir com maior entusiasmo à narrativa. A assistência vinha chegando e sentava-se no chão no largo da aldeia, à porta de um templo ou em recintos de grandes dimensões. As sessões tinham início ao entardecer, ou depois do sol posto. Eram histórias que duravam horas. Não havia cenários, guarda-roupa, maquilhagem. Apenas alguns objectos e instrumentos musicais de que o orador se socorria quando necessário. O *haridas* contava essencialmente consigo próprio, escolhendo livremente o seu repertório e pondo na entoação de cada frase o sentimento que queria comunicar: amor, beleza, felicidade, calma, humor, expectativa, heroísmo, guerra, ódio, medo. Eram histórias cheias de peripécias, de deuses, de demónios, de amores, de lutas, de desejo de vencer, do mal derrotado pelo bem. Eram histórias formativas, alusivas a princípios religiosos, a conceitos e normas de vida, a sentimentos nobres. Eram histórias recheadas de notas humorísticas e acompanhadas por uma assistência já conhecedora dos conteúdos, entusiasmada, por vezes, delirante. Bom psicólogo, quando o sono, ou enfado, pairava sobre as cabeças da assistência, o *haridas* introduzia partes cantadas que fazia acompanhar com palmas, trazendo novo ritmo à sua prédica.

Estas noites de sonho e de magia, este acto social que congrega à sua volta todo um grupo, numa experiência colectiva, religiosa e cultural, vem de uma tradição milenar que perdura e perdurará, sob esta ou outras formas, em qualquer ponto do mundo, pela capacidade inesgotável que o ser humano traz, desde a infância, de ouvir repetidamente histórias já suas conhecidas que lhe permitem, por momentos, aceder a outros mundos, sem regras nem limites, e onde tudo é possível.

Desigualdade, condição indiana?

Pedro Moiteiro

Para além da atracção e do fascínio que tenho pela Índia, *in loco* ou na visita guiada as “Outras Índias”, há um traço que sempre fortemente me impressiona – a condição indiana parece avessa a igualdade.

É verdade que todas as sociedades serão mais ou menos desiguais, mas na Índia a ausência de direitos universais e a inexistência dessa comunhão entre todos da condição humana, parece tão forte, que nem a igualdade, nem sem ela a fraternidade, surgem sequer como utopias.

Socialmente o sistema é hierarquizado, elitista e não inclusivo. Para quem a exerce, essa ética da desigualdade permite a casta, constrói a complacência face a privação dos outros, dá azo às atitudes tantas vezes visíveis de submissão, torna plausível esse acto simbólico de esbofetear alguém.

Para quem a sofre, quantas vezes a identidade troca a individualidade pela caracterização social – a religião professada, a região de origem – como se isso determinasse a pessoa e o que ela é. Situações existem em que se chega a fazer desaparecer a consciência do “eu”, como por exemplo em comunidades rurais onde as mulheres deixam de se identificar pelo nome. Noutra atitude menos louvável, a desigualdade sofrida pratica-se nos outros mais desiguais. Numa lógica ainda mais rebuscada e auto-flageladora, ela exerce-se ate entre os próprios, como o relata Aravind Adiga em “O Tigre Branco” nessa alegoria da “Ecuridão” e do “galinheiro indiano” que se controla e mantém a si mesmo. Combinados com a dependência, serão estes comportamentos que evitam ainda assim maiores manifestações de raiva e violência.

Politicamente, a suposta representatividade dos desiguais, seja historicamente pelo Partido do Congresso, seja mais

recentemente pelo movimento dos dalitas, não tem alterado as condições, mas antes acentuado uma prática preocupante de partidos mono causa (i.e. a casta), contrários à raiz política de gestão da coisa pública. O próprio sistema de quotas e afirmação positiva de castas, apesar dos ganhos factuais, mantém pelos seus princípios o mesmo *mindset* de desigualdade, quando não o alimenta - conhecemos os efeitos perversos de desejo de indivíduos na classificação em castas inferiores, para obter benefícios superiores, mas sempre desiguais. Mesmo algumas práticas de *equity politics* parecem, de acordo com Pranad Bardhan, não ter trazido especiais benefícios, mas antes limitado o desenvolvimento democrático.

Espiritualmente, a religião, pelo cariz fatalista que tantas vezes induz, ou pela capacidade alienante que alimenta, terá também o seu papel na cristalização da desigualdade. Seria necessário tão populoso Olimpo, numa sociedade equilibrada?

A esperança não sei de onde pode vir, mas movimentos de uma outra geração – *Youth for Equality* - que pretendem ver abolido o sistema de castas pela sua iniquidade, serão possibilidades. Projectos comunitários *bottom-up* que recuperam a estima dos indivíduos e fundamentam a sua afirmação social e ate económica – por via do microcrédito ou de apoio à entrada na economia global – podem alterar as condições.

Será sempre uma tarefa hercúlea, mas espero que com resultados para a minha geração.

Noutras Índias: a sul, a Índia que eu vi

Teresa Maria Branco



Pondichery – No Bairro Francês – A menina funâmbula.

As cascas de coco no passeio não são lixo. São para aproveitar como combustível.



Ainda no Bairro Francês o rapaz fantasiado de Deus Macaco, o velho e o riquexó.



Chidambaram – Mandala, saudação de boas-vindas – desenho de cariz religioso, feito quer à entrada dos templos, quer das casas, das lojas, das estações de serviço, para dar as boas-vindas, mas também para afastar os maus espíritos, o mau olhado.



Mumbai – A “Lavandaria”- apenas homens e jovens aí trabalham. Vêm das zonas mais pobres da Índia, muitos não sabem ler, mas não confundem a roupa dos clientes. Vão buscá-la ao domingo e devolvem-na no domingo seguinte.



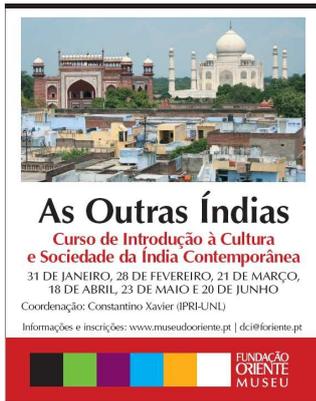
A Índia de sempre!



O futuro da Índia!



PROGRAMA DO CURSO



INTRODUÇÃO

Com quase um sexto da população mundial, berço das grandes religiões asiáticas, e uma diversidade cultural ímpar, a Índia sempre suscitou uma imensa curiosidade no Ocidente. Em contraste, porém, com esta imensa, exótica e histórica Índia espiritual, assiste-se agora à emergência paralela de uma nova Índia - moderna, materialista, confiante e competitiva.

Este curso introduz os participantes não só nestas duas mas também em várias outras Índias contemporâneas que só raramente são abordadas de forma aprofundada em Portugal. Com recurso a uma selecção de leituras e à projecção de materiais audiovisuais, bem como à experiência pessoal de oradores convidados, as seis sessões mensais abordam doze dimensões (duas por sessão) essenciais para compreender as novas tendências sociais, culturais, económicas e políticas que movimentam a Índia de hoje em direcção ao futuro.

COORDENADOR

Constantino Hermanns Xavier é pós-graduado (M.A.) e Mestre (M.Phil) em “International Politics” pela Universidade Jawaharlal Nehru, Nova Deli.

Licenciado em Ciência Política e Relações Internacionais pela Universidade Nova de Lisboa (2003), residiu entre 2004 e 2008 em Nova Deli, onde foi bolseiro do Governo indiano.

Foi correspondente do semanário *Expresso* e da *Rádio Renascença* na Índia (2004-2007), e

FUNDAÇÃO
ORIENTE
MUSEU

colunista da revista mensal *Atlântico* e do semanário goês *Goan Observer*. Entre 2007 e 2008 colaborou com a Embaixada de Portugal em Nova Deli nas áreas da assessoria de imprensa e comunicação.

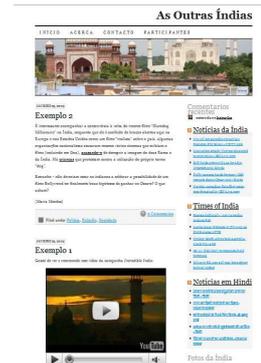
É conferencista do Departamento de Estudos Políticos (FCSH-Universidade Nova de Lisboa) e investigador no Instituto Português de Relações Internacionais (UNL).

BLOGUE

Alargando o curso para além das sessões mensais, foi criado um blogue colectivo *As Outras Índias*, acessível em

<http://asoutrasindias.wordpress.com>.

Munidos do *username* e *password* indicados na primeira aula, os participantes poderão [entrar](#) no sistema e escrever os seus comentários, informações, notícias e opiniões sobre a actualidade indiana. Com a moderação assegurada pelo coordenador, o blogue serve assim de espaço de interacção e diálogo constante entre os participantes.



E-BOOK

De forma a criar um “souvenir” final, todos os participantes são convidados a escolherem e trabalharem um aspecto específico que suscite o seu interesse especial na Índia contemporânea. Pode ser em forma de texto livre, poema, opinião, desenho, etc. desde que não ultrapassando o tamanho de uma página A4. No final serão compiladas todas as contribuições e formatadas num e-book em formato pdf para circulação livre.

Os participantes interessados devem enviar a sua contribuição, bem como uma breve biografia em 50 palavras e fotografia, por e-mail para o coordenador, o mais tardar até 22 de Junho.

CERTIFICADOS

Serão entregues certificados de presença a todos os participantes numa sessão de encerramento final, com orador, data, local e horas a confirmar.

PROGRAMA

SESSÃO I - 31 DE JANEIRO

Abertura com a presença de [S. E. Primrose R. Sharma](#), Embaixadora da Índia em Portugal, [João Amorim](#) (Fundação Oriente) [Constantino Xavier](#), coordenador do curso.

Apresentação e introdução ao curso

Aula 1: **A “ideia da Índia” e suas trajetórias, do passado ao futuro**

Resumo: Há quem diga que “a Índia não tem história” porque é um país relativamente recente. Nesta primeira aula, procuraremos descortinar o imenso passado que se esconde por trás da milenar “ideia de Índia”. Aproximando-nos do século XX, exploramos depois o conceito de “Swaraj”, que guiou o movimento pela independência indiano, para sublinhar a diversidade de “ideias de Índia” subjacente à fundação do país em 1947 e que, desde então, se encontram em diálogo e tensão permanente.



Orador convidado: [João Teles e Cunha](#) (Instituto de Estudos Orientais, Universidade Católica de Portugal), sobre “Uma perspectiva panorâmica da História da Índia, de 711 a 1857”.

Experiências cruzadas: [Pedro Gomes](#) (ex-bolseiro de língua hindi da Fundação Oriente na Índia); e [Shiv Kumar Singh](#) (bolseiro do Instituto Camões, estudante de português e leitor de hindi na Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa).

Aula 2: **“Índia 2020”: do nacionalismo e do sonho de superpotência do século XXI**

Resumo: Terminámos a viagem histórica com o futuro: que ideia prospectiva de Índia é que orienta os indianos de hoje? Nesta aula identificamos os elementos de confiança e euforia que marcam presentemente a sociedade indiana, especialmente entre as gerações mais novas, bem como os indicadores de um nacionalismo fervilhante, dedicado a tornar um país outrora cronicamente subdesenvolvido numa superpotência do século XXI.

SESSÃO II - 28 DE FEVEREIRO

Aula 3: **“Boom Bangalore”: de subdesenvolvimento crónico a economia emergente**

Resumo: Como é que um país que, ainda há duas décadas, era visto como um bastião da pobreza e miséria mundial se torna numa economia moderna, pujante e cobiçada por investidores de todo o mundo? Nesta aula analisamos os factores que levaram a esta “grande transformação”, bem como as oportunidades que oferecem aos interesses empresariais portugueses.

Orador convidado: [Eugénio Viassa Monteiro](#), (AESE, Escola de Direcção e Negócios, e Presidente da Associação de Amizade Portugal-Índia), sobre “O papel decisivo da Iniciativa Empreendedora e da Formação”.

Perspectivas empresariais: [Ana Almeida](#), directora da Tata Consultancy Services Portugal (TCS, Grupo TATA), e [Rahool Pai-Panandiker](#), da Boston Consulting Group (Lisboa/Índia).

Aula 4: “Bollywood”, “Cricket” e “Times of India”: a grande classe média indiana

Resumo: A súbita mudança da “Hindu growth rate” para valores de crescimento económicos próximos dos 10% na última década tiveram um profundo impacto social, despoletando transformações socioeconómicas sem precedentes na Índia moderna. É a emergência de uma nova classe média urbana que mais suscita a nossa atenção nesta aula, em que abordamos este novo fenómeno de uma perspectiva sociológica.

Perspectiva: [Zélia Breda](#) (Universidade de Aveiro, doutoranda no Departamento de Economia, Gestão e Engenharia Industrial, sobre a indústria de turismo de Goa)

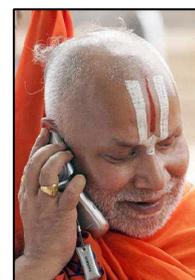


SESSÃO III - 21 DE MARÇO

Aula 5: Castas, religiões e espiritualismo: como sobrevivem ao capitalismo

Resumo: Como é que um magnata industrial pode acreditar na bolsa Sensex de Bombaim e, ao mesmo tempo, em Rama e nas reencarnações? Para além de uma introdução ao sistema de castas e ao Hinduísmo, iremos nesta aula procurar compreender a formidável capacidade indiana de transcender a assumida dicotomia entre tradição e modernidade.

Oradora convidada: [Rosa Maria Perez](#) (Departamento de Antropologia, Instituto de Ciências do Trabalho e da Empresa, ISCTE), sobre “A Índia e o sistema de castas: Notas etnográficas”.



Aula 6: As infinitas Índias subalternas: do mundo rural às minorias religiosas e sexuais

Resumo: São estas as outras Índias verdadeiramente desconhecidas para quem observa o país ao longe. Não é só a perspectiva económica da “Índia da carroça”, rural e subdesenvolvida, em tensão constante com o frenesim e desenvolvimento urbano. É a Índia religiosa, com a maior minoria muçulmana do mundo; é a Índia social, com os eternamente marginalizados “dálitas” (intocáveis); e é também a Índia sexual, com os *hijras*. No imenso e sempre atraente mosaico sociocultural indiano, quais são as partes que brilham menos?

Perspectiva do terreno: [Philip Baverstock](#) (CPLP), sobre a sua experiência de voluntariado numa ONG local de direitos humanos no estado de Chhattisgarh.

SESSÃO IV - 18 DE ABRIL

Aula 7: Megalópoles, transportes e dióxido: do planeamento, da sustentabilidade e do ambiente

Resumo: A maior (Bombaim), bem como sete das cinquenta maiores cidades do mundo encontram-se na Índia. Todos os dias milhares de novas pessoas fixam nelas residência, vindas do hinterland rural. Até que ponto é que o actual modelo de desenvolvimento indiano é sustentável? Nesta aula iremos submergir nas grandes estruturas urbanas e de transporte da Índia, e avaliar o catastrófico preço ambiental que a “nova Índia” está a pagar para crescer a curto prazo.



Perspectiva do terreno: [Sandra C. S. Marques](#) investigadora em Antropologia (Doutoranda ISCTE/CRIA) apresenta “Kolkatar Muck - Faces de Kolkata”, uma análise visual da terceira maior urbe indiana, com 15 milhões de habitantes.

Aula 8:

“Break-out session”: da música, das artes e da cultura indiana

Resumo e convidados: Chegamos a meio do curso, e deixando os powerpoints e os livros de lado, iremos deixar guiar-nos nesta aula por quem em Portugal melhor vive a Índia contemporânea de forma alternativa, no campo da música e das artes. Falam-nos e ensinam-nos [Paulo Sousa](#) (sítara), [Tarikavalli](#) (dança clássica), [Ana Tamen](#), [João Pedreiro](#) e [Vera Castel-Branco](#) (Viagem de estudo pelo teatro no sul da Índia - Bangalore, Pondicherry, Kerala, Honnavar e Goa) [Bruno Pelletier Sequeira](#) (Revisitando a Índia, dez anos depois, por via da fotografia).



SESSÃO V - 23 DE MAIO

Aula 9:

A Diáspora: um lóbi de vinte e cinco milhões de embaixadores globais.

Resumo: Com mais de vinte e cinco milhões de indianos cidadãos ou de origem a residir nos cinco continentes do mundo, a Índia está a desterritorializar-se rapidamente. Nesta aula o coordenador partilha a sua investigação de quatro anos na Índia sobre como o Governo indiano procura reincorporar e atrair a diáspora que por tantos anos negligenciou, e sobre como a diáspora se apresenta como um pilar essencial para o projecto de uma “Índia superpotência”.

Orador convidado: [Jorge Macaísta Malheiros](#), sobre “Trajectórias transnacionais: as comunidades de origem indiana em Portugal”

Perspectivas diaspóricas: Jovens portugueses de origem indiana partilham a experiência do seu reencontro com “a nova Índia”. [Virech Maugi](#) (comunidade hindu) e [Zakir Karim](#) (comunidade islâmica).

Aula 10:

De Gandhi e Nehru a Advani e Mayawati: as novas ideologias e movimentos políticos.

Resumo: Em paralelo às transformações socioeconómicas, o sistema político indiano também se encontra em mutação acelerada. Com os recentes governos de coligação liderados pelos nacionalistas do Bharatiya Janata Party, o Partido do Congresso deixou de ser a força dominante, e assiste-se a uma progressiva fragmentação do sistema partidário, com o aparecimento de inúmeras forças regionais. Que novas figuras surgiram e como fazem elas a política de hoje na Índia?



SESSÃO VI - 20 DE JUNHO

Aula 11:

Goa, Damão e Diu: o que realmente resta da herança colonial e o seu potencial

Resumo: Embora haja hoje em Portugal um renovado interesse pelas ex-colónias portuguesas na Índia, mantêm-se ainda enraizadas as imagens anacrónicas que temos daqueles territórios.

Nesta sessão revisitamos a antiga Índia Portuguesa de forma a descortinar até que ponto poderão servir de obstáculo ou de catalisador para o desenvolvimento das relações luso-indianas.

Orador convidado: [Sérgio Mascarenhas de Almeida](#), sobre “A Índia para além do Estado da Índia. Passado e futuro, complementares ou antinómicos?”

Perspectivas indo-portuguesas: Uma mesa-redonda com [Mónica Reis](#) (doutoranda da Universidade do Algarve, com investigação sobre Damão), [Sidh Mendiratta](#) (doutorando em arquitectura na Universidade de Coimbra, investigador do projecto “Bombay Before the British”), [Rita Cachado](#) (doutorada em pelo CIES-ISCTE, com um trabalho sobre a diáspora hindu-gujarati de Diu) e [Cláudia Pereira](#) (Departamento de Antropologia, ISCTE, doutoranda sobre os Gaudde, considerados os primeiros habitantes de Goa)

Aula 12:

Geopolítica da Ásia do Sul:

a eterna Caxemira e a nova ameaça do terrorismo urbano

Resumo: Terminamos o curso com uma perspectiva política internacional, contextualizando a Índia na sua vizinhança regional, em que é crescentemente cercada pela China e minada por instabilidade, conflitos e violência. O enfoque incidirá, para além do eterno conflito indo-paquistanês à volta de Caxemira, sobre a segurança interna nas grandes urbes indianas. Como vivem e sobrevivem os indianos ao crescente flagelo do terrorismo?



SESSÃO DE ENCERRAMENTO - 27 de JUNHO

Apresentação de livro: O Despertar da Índia

Regressa o nosso convidado da segunda da sessão, o Prof. [Eugénio Viassa Monteiro](#), da Associação Amizade Portugal-Índia, desta vez para nos apresentar o seu novo livro “O Despertar da Índia - A livre-iniciativa, base do milagre económico”, a lançar pela editora Alêtheia em Julho.

10:30 “Saramago e Fado em Calcutá”

A Professora [Rita Ray](#), leitora do Instituto Camões na Universidade de Jadavpur, em Calcutá, fala-nos das suas actividades e viagens inter-culturais entre a Índia e Portugal e mostra-nos, em vídeo e áudio, como os seus estudantes encenam o teatro de Saramago e como cantam o fado português em Calcutá.

11:30 - Encerramento e Porto de honra

Entrega dos certificados finais, com a presença do Dr. [João Amorim](#), director do Museu do Oriente, e o Chanceler Dr. [S Janakiraman](#), em representação da Embaixadora da Índia em Portugal, S. E. Primrose Sharma



PARTICIPANTES

NOME	E-MAIL
Alexandra Prado Coelho	apc@publico.pt
Ana Cristina Oliveira	analmeida1982@gmail.com
Ana Maria Almeida	anamarialmeida@gmail.com
Ana Tonnies	ana.tonnies@netcabo.pt
Ângela Rodrigues	angelasimaorodrigues@gmail.com
António Alvarenga	ant_alvarenga@yahoo.com
Carla Batalha	sofiabatalha@hotmail.com
Claúdia Ramos	claugy@hotmail.com
Elisabete Garcia	egarcia@foriente.pt
Gustavo Boto	gustavo.boto@gmail.com
Isabel Dantas	isabel-dantas@netcabo.pt
Jorge Costa	reduto.costa@gmail.com
Jorge Jesus	nunesdejesus@gmail.com
Jorge Roza de Oliveira	jorge.oliveira@pm.gov.pt
José Alberto Costa	costa.jat@gmail.com
Luís António Bernardo	luispaisbernardo@gmail.com
Luísa Jalles	ljalles@yahoo.com
Mara Carrilho	maracarrilho@gmail.com

Maria Conceição Cunha	cunha.mariac@gmail.com
Maria da Conceição Pereira	mariapereirapt@gmail.com
Maria Fernanda Castro	
Maria Fernanda Matias	mfmatis@gulbenkian.pt
Maria Francisca Henriques	fgorjao@publico.pt
Maria Helena Sequeira	helenasequeira@gpp.pt
Maria João Sequeira	mjoao@dpp.pt
Maria Rita Rebelo de Andrade	randrade@gulbenkian.pt
Maria Virgínia Gomes	Virginia.b.gomes@seg-social.pt
Mariana Manaia	mariana.manaia@clix.pt
Mário Grilo	mario.grilo@netcabo.pt
Moira Difelice	
Nitah Camotim	nitah@fcs.unl.pt
Pedro Moiteiro	pedro.moiteiro@sapo.pt
Sofia Lopes	slopes@foriente.pt
Teresa Branco	hjbranco@sapo.pt
Teresa Casas-Novas	tcasasnovas@gmail.com
Teresa Ventura	omm_sety@hotmail.com
Vera Freitas	verafreitas46@hotmail.com



INTERVENIENTES

Por ordem cronológica em termos de intervenção no curso

S.E. Primrose R. Sharma

pstoambassador@indembassy-lisbon.org e
www.indembassy-lisbon.org

Rahool Panandiker

panandiker.rahool@bcg.com

João Amorim

jamorim@foriente.pt

Zélia Breda

zelia@ua.pt e zeliabreda.wordpress.com

Constantino Xavier

constantino.xavier@gmail.com

Rosa Maria Perez

rosa.perez@iscte.pt

João Teles e Cunha

jteleseacunha@gmail.com

Philip Baverstock

philbav@yahoo.com

Shiv Kumar Singh

shiv4singh@gmail.com

Sandra C. S. Marques

sandrasimoemarkes@hotmail.com

Pedro Santos Gomes

pedrosantosgomes@gmail.com

Ana Tamen

atamen@gmail.com

Eugénio Viassa Monteiro

evmonteiro@aese.pt

João Pedreiro

pedreiro7@gmail.com

Ana Cristina Almeida

ana.almeida@tcs.com

Vera Castel-Branco

vera.castelbranco@gmail.com

Paulo Sousa

ompaulosousa@gmail.com e
www.ompaulosousa.com

Tarikavalli

contact@tarikavalli.com e www.tarikavalli.com

Bruno Pelletier Sequeira

bpsequeira@atelierdelisboa.pt e
www.aterlierdelisboa.pt

Jorge Macaísta Malheiros

jmalheiros@fl.ul.pt

Virech Maugi

virechmaugi@gmail.com

Zakir Karim

zakir.karim@unilever.com

Sérgio Mascarenhas de Almeida

smascrns@gmail.com

Mónica Reis

monicaereis@gmail.com

Sidh Mendiratta

sidh77@gmail.com

Rita Cachado

ritacachado@gmail.com

Cláudia Pereira

claudiapereir@gmail.com

Rita Ray

ritaray9@gmail.com



RECURSOS

JORNAIS

<http://www.culturopedia.com/india.mediaguide.html>

Acesso aos *sites* de dezenas de publicações periódicas indianas.

Entre os **títulos diários**, uma boa combinação para ter acesso a diferentes perspectivas da actualidade indiana é o seguinte “pacote”: [The Hindu](#) ou [The Asian Age](#) (referência, centro-esquerda), o [Times of India](#) ou o [The Hindustan Times](#) (grande circulação, comerciais), o [The Indian Express](#) (liberal), o [The Pioneer](#) (direita, nacionalista), o [Mumbai Mid Day](#) (tablóide, Bombaim), e um dos vários regionais (por exemplo, o [The Tribune](#) de Chandigarh, o [Deccan Herald](#) de Bangalore, ou o [Calcutta Telegraph](#) de Calcutá). Pelo menos era este o meu pacote diário matinal, em Nova Deli...

Nos diários **económicos** destacam-se o [The Economic Times](#) (do grupo Times) e o mais recente [Mint](#) (do grupo HT), bem como o [Financial Express](#) e o [Business Standard](#).

REVISTAS e outros PERIÓDICOS

As **revistas mais circuladas** são as rivais [India Today](#) e [Outlook](#), que oferecem um pacote semanal bastante completo, embora bastante comercial. Para uma cobertura mais aprofundada e alternativa, com reportagens e opinião de peso, recomenda-se a [Frontline](#), a revista quinzenal do The Hindu, alinhada à esquerda. É, no entanto, a revista semanal [Tehelka](#), do mediático editor e escritor Tarun Tejpal, que actualmente oferece o melhor **jornalismo de investigação** na Índia.

Para quem quiser perspectivas **ideológicas**, menos conhecidas, mas não menos influentes, deve recorrer ao semanário [Organiser](#), do RSS, o movimento nacionalista hindu, ou ao [People's Democracy](#), do Partido Comunista Indiano.

A **revista mensal** [Himal](#), publicada a partir de Catmandu, oferece uma excelente cobertura da Índia numa perspectiva regional da Ásia do Sul, cobrindo temáticas que são transfronteiriças. A revista mensal [Pragati](#), de acesso livre on-line, é um projecto igualmente interessante de se seguir, representando um núcleo embrionário das novas gerações liberais indianas.

Num registo mais académico, mas *light* e acessível ao público em geral, publica-se também semanalmente (há várias décadas) o [Economic & Political Weely](#), uma publicação num formato original que é indispensável para quem quiser estar a par dos grandes debates sócio-económicos e políticos na Índia. Na mesma linha encontra-se a [Seminar](#), uma revista mensal de debate independente, sempre com um número temático.

No campo da literatura e das artes, recomendam-se ainda as seguintes publicações, muito úteis para se manter a par da actualidade cultural e mediática indiana: [The Little Magazine](#), [The Book Review India](#) e os portais [Indológica](#), e [New Asia Books](#), bem como, para uma perspectiva diaspórica, [Little India](#) e a [India Currents](#).

Todas as publicações aqui indicadas têm os seus respectivos sites, e a maioria coloca as suas edições acessíveis on-line na íntegra, gratuitamente. Para além destes, recomendam-se também os portais noticiosos [Rediff](#) e [Sify](#).

BLOGUES INDIANOS

Para todos os gostos, são vozes e opiniões cibernéticas que merecem ser consultadas regularmente, para quem quiser “sentir o pulso” à Índia. Uma ressalva: são, na sua grande maioria, figuras que representam a nova elite política, económica e cultural indiana - nem sempre representativas das “outras Índias”.

URL	palavras-chave
http://blogs.independent.co.uk/independent/asian_confusion/ (correspondentes)	
http://ibnlive.in.com/blogs/author/1/rajdeepsardesai.html	(jornalismo)
http://www.guardian.co.uk/profile/randeepmesh	(correspondentes)
http://www.gauravonomics.com/blog/	(geral)
http://www.sepiamutiny.com/sepia/	(diáspora nos EUA)
http://svaradarajan.blogspot.com/	(política externa)
http://retributions.wordpress.com/	(geral)
http://www.freeindiamedia.com/	(esquerda)
http://samirbharadwaj.com/blog/	(cultura, artes)
http://acorn.nationalinterest.in/	(jovens liberais, política)
http://www.amitavakumar.com/	(literatura, academia, artes)

http://shobhaade.blogspot.com/	(socialite, individual)
http://aayushsoni.blogspot.com/	(geral)
http://anand-g.blogspot.com/	(correspondentes)
http://dcubed.blogspot.com/	(conservador, geral)
http://www.sajaforum.org/	(jornalismo)
http://yjoshi.blogspot.com/	(individual)
http://imaginingindia.com/	(economia)
http://indianeconomy.org/	(economia)
http://www.indimag.com/	(colectivo)
http://bigb.bigadda.com/	(Bollywood)
http://indiauncut.com/	geral, economia)
http://kafila.org/	(esquerda)

Para além destas recomendações, consulte também esta **lista exaustiva**:

<http://www.labnol.org/india-blogs/indian-bloggers.html>

PORTUGUESES E LUSÓFONOS NA ÍNDIA

[Indi\(a\)gestão](#)

[O meu Sutra](#)

[Incredible India](#)

[Plunging into India](#)

[Qué Frô?](#)

[Longe de Portugal](#)

[Bulicenas](#)

[Around the world](#)

[Patrícia far away](#)

[A vida numa Goa](#)

[2 passos pela Índia](#)

[A Vida em Deli](#)



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Obras recomendadas assinaladas com *

Obras mais académicas assinaladas com -

Obras gerais introdutórias traduzidas para Português:

Apesar dos Deuses: A Estranha Ascensão da Índia Moderna (Edward Luce), Bizâncio

A Índia no Séc. XXI (Pavan K. Varma), Presença

Made in India (Ashutosh Sheshabalaya), Atlântico

Obras gerais introdutórias:

* *Understanding Contemporary India*, Sumit Ganguly e Neil DeVotta (eds)

India: From Midnight to the Millennium and Beyond, Shashi Tharoor

The Elephant, The Tiger, And the Cell Phone: Reflections on India, the Emerging 21st-Century Power, Shashi Tharoor

* *India: A Mosaic* de Robert B. Silvers, Barbara Epstein (eds), e Arundhati Roy (intro)

India's Unending Journey, Mark Tully

Aula 1:

A “ideia da Índia” e suas trajectórias, do passado ao futuro

A Índia e o Mundo no Século XXI

Think India: The Rise of the World's Next Great Power and What It Means for Every American, Vinay Rai e William Simon

India Express: The Future of the New Superpower, Daniel Lak

Planet India: The Turbulent Rise of the Largest Democracy and the Future of Our World, Mira Kamdar

* *India After Gandhi: The History of the World's Largest Democracy*, Ramachandra Guha

Ideias, percepções e visões da Índia

* *The Idea of India*, Sunil Khilnani

* *The Clash Within: Democracy, Religious Violence, and India's Future*, Martha C. Nussbaum

* *The Argumentative Indian: Writings on Indian History, Culture and Identity*, Amartya Sen

Imagining India: The Idea of a Renewed Nation, Nandan Nilekani

* *India Revisited: Conversations on Contemporary India*, Ramin Jahanbegloo

The End of India, Kushwant Singh

* *Imagining India*, Ronald B. Inden

* *Through Indian Eyes*, Donald Johnson e Jean E. Johnson

India in Mind, Pankaj Mishra (ed)

(Sobre)viver na Índia

Culture Shock! India: A Survival Guide to Customs and Etiquette, Gitanjali Kolonad

Speaking of India: Bridging the Communication Gap When Working With Indians, Craig Storti

* *City of Djinn: A Year in Delhi*, William Dalrymple

Holy Cow, Sarah McDonald

História Moderna

Freedom at Midnight, Collins, Larry e Dominique Lapierre, (existe tradução em português)

- *Modern India, 1885-1947*, Sumit Sarkar

The Discovery of India, Jawaharlal Nehru

Selected Works of Jawaharlal Nehru (vários volumes e várias edições)

The Great Partition: The Making of India and Pakistan, Yasmin Khan

An Autobiography: The Story of My Experiments with Truth, Mohandas Karamchand (Mahatma) Gandhi, (existe tradução em português)

* *An Indian Dynasty: The Story of the Nehru-Gandhi Family*, by Tariq Ali

Aula 2:

“Índia 2020”: do nacionalismo e do sonho de superpotência do século XXI

India “Superpower 2020” e política externa

India 2020: A Vision for the New Millennium, A P J Kalam

India in a Changing World, Achin Vanaik

- *Securing India: Strategic Thought and Practice*, Bajpai, Kanti P., e Mattoo, Amitabh, eds.

* *India: Emerging Power*, Stephen Cohen

Crossing the Rubicon: The Shaping of India's New Foreign Policy, C. Raja Mohan

Nacionalismo hindu

The Hindu Nationalist Movement and Indian Politics, 1925 to the 1990s, Christophe Jaffrelot

* *The Sangh Parivar: A Reader*, Christophe Jaffrelot

- *Making India Hindu: Religion, Community, and the Politics of Democracy in India*, David Ludden

- *Reinventing India: Liberalization, Hindu Nationalism and Popular Democracy*, Stuart Corbridge e John Harriss

- *Creating a Nationality: The Ramjanmabhumi Movement and Fear of the Self*, Ashis Nandy, Shikha Trivedy, Shail Mayaram e Achyut Yagnik (eds)

Aula 3:

“Boom Bangalore”: de subdesenvolvimento crônico a economia emergente

India Unbound: The Social and Economic Revolution from Independence to the Global Information Age, Gurcharan Das

* *India: The Emerging Giant*, Arvind Panagariya

Business Maharajas, Gita Piramal

India's Store Wars: Retail Revolution and the Battle for the Next 500 Million Shoppers, Geoff Hiscock

It's Only Business: India's Corporate Social Responsiveness in a Globalized World

* *India's Century: The Age of Entrepreneurship in the World's Biggest Democracy*, Kamal Nath

India's Turn: Understanding the Economic Transformation

Doing Business in 21st-Century India: How to Profit Today in Tomorrow's Most Exciting Market, Gunjan Bagla

**Aula 4: “Bollywood”, “Cricket” e “Times of India”:
a grande classe média indiana**

* *The Great Indian Middle Class*, Pavan K. Varma

* *The Inner World: A Psychoanalytic Study of Childhood and Society in India*, Sudhir Kakar

- *India’s New Middle Class: Democratic Politics in an Era of Economic Reform*, Leela Fernandes

- *Domestic Goddesses: Maternity, Globalization and Middle-Class Identity in Contemporary India*, Henrike Donner

* *Global Bollywood*, Anandam Kavoori e Aswin Punathambekar

Shoveling Smoke: Advertising and Globalization in Contemporary India, William Mazzarella

- *Politics after Television: Hindu Nationalism and the Reshaping of the Public in India*, Arvind Rajagopalan

**Aula 5: Castas, religiões e espiritualismo:
como sobrevivem ao capitalismo**

e

**Aula 6:
As infinitas Índias subalternas:
do mundo rural às minorias religiosas e sexuais**

Obras gerais:

- *The Partha Chatterjee Omnibus* (Nationalist Thought and the Colonial World, The Nation and Its Fragments, A Possible India), Partha Chatterjee

Region, religion, caste, gender and culture in contemporary India, Sathyamurthy, T. V. (ed.)

- *Politics of Inclusion: Caste, Minority, and Representation in India*, Zoya Hasan

Dalits (intocáveis), adivasis (tribais) e outros

- *Claiming Power from Below: Dalits and the Subaltern Question*, Manu Bhagavan e Anne Feldhaus

The Dalit Movement in India: Local Practices, Global Connections, Eva-Maria Hardtmann

Post-Hindu India: A Discourse in Dalit-Bahujan, Socio-Spiritual and Scientific Revolution, Kancha Ilaiah

* *Why I am Not a Hindu: A Sudra Critique of Hindutva Philosophy, Culture and Political Economy*, Kancha Ilaiah

Adivasi Life Stories: Context, Constraints and Choices, Indra Munshi

Mulheres e gênero

* *The Heart of India*, Mark Tully

Don't Marry Me To A Plowman!: Women's Everyday Lives In Rural North India, Patricia Jeffery e Roger Jeffery

- *Women's Political Representation and Empowerment in India: A Million Indiras Now?*, Evelin Hust

Survival and Emancipation: Notes from Indian Women's Struggles, Brinda Karat

* *The Bandit Queen of India: An Indian Woman's Amazing Journey from Peasant to International Legend*, Phoolan Devi, Marie-Therese Cuny, Paul Rambali

Eu, Phoolan Devi - A Rainha dos Bandidos da Índia (Difel)

Minorias sexuais

* *Gay Bombay: Globalization, Love and (Be)longing in Contemporary India*, Parmesh Shahani

Queering India: Same-Sex Love and Eroticism in Indian Culture and Society, Ruth Vanita

Neither Man Nor Woman: The Hijras of India, Serena Nanda

* *AIDS Sutra: Untold Stories from India*, Amartya Sen

Minorias religiosas

Horse of Karbala: Muslim Devotional Life in India, David Pinault

Legacy Of A Divided Nation: India's Muslims From Independence To Ayodhya, Mushirul Hasan

Self and Sovereignty: Individual and Community in South Asian Islam Since 1850, Ayesha Jalal

* *Muslim Portraits: Everyday Lives in India*, Mukulika Banerjee

Christianity in India: From Beginnings to the Present, Robert Eric Frykenberg

* *Buddhism in India: Challenging Brahmanism and Caste*, Gail Omvedt

* *The Last Jews of Kerala: The Two Thousand Year History of India's Forgotten Jewish Community*, Edna Fernandes

Aula 7:

Megalópoles, transportes e dióxido: do planeamento, da sustentabilidade e do ambiente

* *Maximum City: Bombay Lost and Found*, Suketu Mehta

* *Bombay and Mumbai: The City in Transition*, Sujata Patel e Jim Masselos

* *Cities Of India*, G. W. Forrest

- *The Meaning of the Local: Politics of Place in Urban India*, Henrike Donner

The Inclusive City: Infrastructure and Public Services for the Urban Poor in Asia, Aprodicio A. Laquian, Vinod Tewari, and Lisa M. Hanley

- *Energy Infrastructure: Priorities, Constraints, and Strategies for India*, Asian Dev. Bank

* *India Divided: Diversity and Democracy under Attack*, Vandana Shiva

- *Agriculture, Food Security, Poverty and Environment: Essays on Post-reform India*, C. H. Hanumantha Rao

Ecology and Equity: The Use and Abuse of Nature in Contemporary India, Madhav Gadgil

River of Love in an Age of Pollution: The Yamuna River of Northern India, David L. Haberman

Dams and Development: Transnational Struggles for Water and Power, Sanjeev Khagram

- *Environmental Economics in Practice: Case Studies from India*, Gopal K. Kadekodi

* *Five Past Midnight in Bhopal: The Epic Story of the World's Deadliest Industrial Disaster*, Dominique Lapierre and Javier Moro

The Bhopal Reader: Remembering Twenty Years Of The World's Worst Industrial Disaster, Bridget Hanna, Ward Morehouse, and Satinath Sarangi

- *The Politics of Water Resource Development in India: The Case of Narmada*, John R Wood

* *Narmada Dammed: An Inquiry into the Politics of Development*, Dilip D'Souza

Aula 8:

“Break-out session”: da música, das artes e da cultura indiana

* *India*, Stanley Wolpert (cap. 5: “Arts and Sciences”, distribuído em fotocópia)

* *India's Culture: The State, the Arts, and Beyond*, Balmiki Prasad

Traditional Stories from India, Vayu Naidu

- *Art and Visual Culture in India: 1857 - 2007*, Gayatri Sinha

* *Pop Culture India!: Media, Arts, and Lifestyle*, Asha Kasbekar Richards

Sufi Music of India and Pakistan: Sound, Context, and Meaning, Regula Burckhardt Qureshi

* *The Music of India*, Reginald Massey, Jamila Massey, Eilean Pearcey, and Ravi Shanker

* *Indian Classical Dance: Tradition in Transition*, Leela Venkataraman and Avinash Pasricha

- *India's Kathak Dance: Past, Present and Future*, Reginald Massey and Marcus Massey

India Contemporary, Henry Wilson

Modern Traditions: Contemporary Architecture in India, Klaus-Peter Gast

* *Eating India: An Odyssey into the Food and Culture of the Land of Spices*, Chitrita Banerji

Food Culture in India, Colleen Taylor Sen

Daughters of India: Art and Identity, Stephen P. Huyler

* *Yoga in Modern India: The Body between Science and Philosophy*, Joseph S. Alter

India: Public Places, Private Spaces: Contemporary Photography and Video Art, Gayarti Sinha

Textile Arts of India, Kokyo Hatanaka

Aula 9:

A Diáspora: um lóbi de vinte e cinco milhões de embaixadores globais.

* Bastos, S., and J. Bastos (eds) (2006), '*Filhos Diferentes de Deuses Diferentes*'. *Usos da religião em processos de inserção social diferenciada: uma abordagem estrutural-dinâmica*, Lisboa: ACIME / Observatório da Imigração.

* Lal, Brij V. (2006), *The Encyclopedia of the Indian Diaspora*, Singapore: Editions Didier Millet.

- Tinker, Hugh (1974), *A New System of Slavery: The Export of Indian Labour Overseas, 1830-1920*, London: Oxford University Press.

Brown, Judith M. (2007), *Global South Asians, Introducing the Modern Diaspora*, Oxford: Oxford University Press.

Clarke, Colin, Ceri Peach, and Steven Vertovec (eds) (1990), *South Asians Overseas: Migration and Ethnicity*, Cambridge: Cambridge University Press.

* Vijay Prashad (2000), *The Karma of Brown Folk*, Minnesota: University of Minnesota Press.

Gandhi, A. (2002), "The Indian Diaspora in Global Advocacy", *Global Networks*, 2 (4): 357-363.

Hindu American Foundation (2008), *Hindus in South Asia and the Diaspora: A Survey of Human Rights 2007*, Kensington, Maryland.

URL: <http://www.hinduamericanfoundation.org/pdf/HHR2007.pdf>.

Sabrang (2003), *The Foreign Exchange of Hate: IDRF and the American Funding of Hindutva*, Mumbai: Sabrang Communications and South Asia Citizen's Watch,

URL: <http://www.stopfundinghate.org/sacw/index.html>.

Therwath, Ingrid (2007a), "Working for India or against Islam? Islamophobia in Indian American Lobbies", *South Asia Multidisciplinary Academic Journal*, Fall 2007,

URL: <http://samaj.revues.org/document105.html>

Recursos Internet

High Level Committee on the Indian Diaspora, HLCID (2002), *Report of the High Level Committee on the Indian Diaspora*, New Delhi: Indian Council for World Affairs.

Relatório completo: <http://www.indiandiaspora.nic.in/contents.htm>

Government of India, "Indian Diaspora Portal",

URL: <http://india.gov.in/overseas/diaspora/nri.php>

Global Organization of People of Indian Origin (GOPIO): <http://www.gopio.net>

Ministry of Overseas Indian Affairs, Government of India (MOIA): <http://moia.gov.in/>

Notícias sobre a diáspora Indiana:

Times of India:

http://timesofindia.indiatimes.com/Indians_Abroad/articlelist/222023.cms

Hindustan Times:

http://www.hindustantimes.com/SectionPage/News_Indians_Abroad.aspx?SectionName=IndiansAbroadSectionPage

Aula 10:

De Gandhi e Nehru a Advani e Mayawati: as novas ideologias e movimentos políticos.

* *The State of India's Democracy*, Sumit Ganguly et al (eds.)

The Success of India's Democracy, Atul Kohli (ed.)

- *Politics and Ethics of the Indian Constitution*, Rajeev Bhargava

- *Explaining Indian Democracy: A Fifty-Year Perspective, 1956-2006*, Susanne e Lloyd Rudolph (eds). (3 volumes: *The Realm of Ideas: Inquiry and Theory*, *The Realm of Institutions: State Formation and Institutional Change* e *The Realm of the Public Sphere: Identity and Policy*)

Parties and Party Politics in India, Zoya Hasan

* *India After Gandhi: The History of the World's Largest Democracy*, Ramachandra Guha

* *The Clash Within: Democracy, Religious Violence, and India's Future*, Martha C. Nussbaum

* *An Indian Dynasty: The Story of the Nehru-Gandhi Family*, Tariq Ali

Recursos Internet

Consultar a ficha de recursos de comunicação social, revistas especializadas, blogues e portais Internet indianos distribuída na aula de Março.

Aula 11:

Goa, Damão e Diu: o que realmente resta da herança colonial e o seu potencial

Xeque-mate a Goa, *Maria Manuel Stocker*

* Goa - História de um Encontro, Inês Gonçalves, *Catarina Portas*

- Between Empires: Print and Politics in Goa, *Rochelle Pinto*

* Goa: A Daughter's Story, *Maria Aurora Couto*

The Construction of a Political Community: Integration and Identity in Goa, *Arthur G Rubinoff*

* Goa: Aparanta, Land Beyond the End, (ed.) *Victor Rangel-Ribeiro*

Goa, *Olivinho J.F. Gomes*

Picture-Postcard Poverty: Unheard voices, forgotten issues from rural Goa, *Kalanand Mani, Frederick Noronha*

- Psychedelic White: Goa Trance and the Viscosity of Race, *Arun Saldanha*

Aula 12:

Geopolítica da Ásia do Sul:

a eterna Caxemira e a nova ameaça do terrorismo urbano

Kashmir in Conflict: India, Pakistan and the Unending War, *Victoria Schofield*

* Red Sun: Travels in Naxalite Country, *Sudeep Chakravarty*

Beyond Counter-Insurgency, Breaking the Impasse in Northeast India, *Sanjib Baruah*

Terrorism in South Asia: Views From India, *Adhuri Subramanyam Raju*

- Inside Nuclear South, *Scott Sagan*

* Ethnic Conflict and Civic Life: Hindus and Muslims in India, *Ashutosh Varshney*

* Security and South Asia: Ideas, Institutions and Initiatives, *Swarna Rajagopalan*

Human Security in South Asia: Energy, Gender, Migration, and Globalisation, (ed.) *P. R. Chari*

* India: Emerging Power, *Stephen Cohen*

- Crossing the Rubicon: The Shaping of India's New Foreign Policy, *C. Raja Mohan*

E-Book

AS OUTRAS ÍNDIAS

Curso de Introdução à Cultura e Sociedade da Índia Contemporânea

FUNDAÇÃO
ORIENTE
MUSEU

Lisboa, Portugal

Janeiro a Junho de 2009